

RECADO DE PARIS

PARIS agosto — Nessa ruazinha medieval de Saint-Paul-de-Vence, no fundo de uma tarde imensa de verão. Há crianças que brincam. Há, como em toda tarde do mundo, uma voz de mãe chamando o menino para dentro:

— Ricard... Ricard... Viens, Ricard...

Ricard, um garoto de 5 anos, finge que não ouve.

— Viens, Ricard...

O menino continua brincando com os outros.

— Viens, Ricard, mon chou...

Ricard não vai. Mas desta vez lança um olhar furtivo na direção da casa, um olhar que não quer ser visto, mas não pôde ser evitado. Ele gostou do "mon chou".

* * *

Essas casas têm 700, 600 anos — e muitas são belas, em sua simplicidade provençal. São construídas, como os muros que ainda cercam a pequena Saint-Paul, em uma rocha clara, da mesma cor branca, cinza e esverdeada dos troncos desses plátanos. A cidadezinha é linda — mas está um pouco arrumada demais para os turistas, o que às vezes lhe dá aquele ar falsificado do Montmartre de hoje.

Do alto da muralha o panorama é belo com essas culturas em degraus, esse incomparável jogo de verdes, uns quase prateados, outros sombrios, de ciprestes, outros vivos e quase quentes, de papagaio — e um sol dourado, e o mar muito longe. Bebo o vinho dessas vinhas, e isso é honesto; e na parede do bufete está escrito, em provençal: "Aqui si mangia si béou é si canto". Mas essas letras, em tinta ainda quase fresca, têm o feitio das letras antigas, o dono do bar veio de Paris há oito meses, e há alguma coisa de suspeito, de cor local um pouco carregada, no arranjo do bar.

As pequenas lojas em que o artesanato local vende seus potes têm inscrições em inglês para atrair esses turistas em "short" que surgem pelas esquinas, de cabelos de milho e pele vermelha.

Num canto perdido da cidade vemos, no cimo de uma ladeira, sobre um fundo de muros de pedras e meio derruídos, essa coisa simples, uma cabra. Está imóvel, tem a mesma cor das pedras, é solene e viva. Por um instante julgamos ser uma escultura. Depois temos um sobresalto, ao dobrar outro beco estreito e íngreme: um cão avança para nós.

Menos mal! Há pelo menos esse cão em Saint-Paul-de-Vence que o comissariado de Turismo ainda não conseguiu subornar.

* * *

Sei que o Brasil pode ter no turismo, quando organizado, uma fabulosa fonte de renda. Mas estremeço um pouco ao pensar nisso. Uma cidadezinha de turismo tem sempre um leve ar de casa suspeita... 16.8.50 R.B.

267